

# O SIMBÓLICO-RELIGIOSO NO PRECÍPIO: UMA ABORDAGEM HERMENÊUTICA SOBRE UMA DAS SETE NARRATIVAS DO CARRO DOS MILAGRES, DE BENEDICTO MONTEIRO

Marcel Franco da Silva<sup>1</sup>

RESUMO:

*Este artigo objetiva apresentar as análises hermenêuticas sobre os elementos simbólico-religiosos presentes no conto O Precipício, do livro O Carro dos Milagres, do escritor paraense Benedicto Wilfred Monteiro (1924-2008). Nesta pesquisa são observados os valores semântico-religiosos dos personagens e dos elementos que constituem o espaço da narrativa em questão. Busca-se compreender e tornar compreensível as representações simbólicas e religiosas sobre a figura paterna (Pai de Miguel), sobre o animal-personagem (o Precipício), sobre o elemento aquático (o molhado) e sobre o desfecho do conto (Miguel versus Precipício), o qual remonta à batalha do Juízo Final, presente no livro do Apocalipse (Novo Testamento). As observações deste trabalho não contribuem somente para o estudo entre literatura e religião, mas também permitem uma interdiscursividade com outras áreas das Ciências Humanas (Letras, Sociologia, Antropologia, História, Ciências da Religião, etc.).*

*Palavras-chave: Sagrado; Hermenêutica; Religião; Benedicto Monteiro.*

ABSTRACT

*This paper has the purpose to present the hermeneutical analysis over the symbolic-religious elements present in the tale O Precipício, from the book O Carro dos Milagres, written by author Benedicto Wilfred Monteiro born in Pará (1924-2008). In this research the semantical-religious values of the characters and the elements that shape the space of the narrative are observed. In other words, this study aims to understand and make it understandable the symbolic and religious representations over the fatherly figure (Miguel's father), the animal-character (Precipício), the water element (the wet) and the unfolding of the tale (Miguel versus Precipício), which recreates the battle of the Final Judgment, present in the book of the*

Considerações Iniciais

Retomar a leitura de um texto literário é reencontrar-se com o fantástico e o maravilhoso, que não se esgotam, que apresentam sempre novos sentidos para a nossa vida. Rer a história é voltar a um passeio fascinante num bosque repleto de belezas e detalhes, que atravessa o tempo, reatualiza-se e revela tantas minúcias, que mal chegamos a conhecê-las completamente. Assim é o caminho da leitura literária, um percurso que principia, mas que nunca termina, que nos deixa uma voz que não quer calar, uma curiosidade de querer saber mais e mais.

Tal exercício de releitura foi empreendido sobre o conto O Precipício, do livro O Carro dos Milagres, do escritor paraense Benedicto Monteiro (1924-2008). A saber, a narrativa em destaque foi analisada anteriormente no Trabalho de Conclusão de Curso do elaborador desta pesquisa<sup>2</sup>, tendo como principal aporte teórico os postulados da teoria dialógica do discurso de Mikhail Bakhtin<sup>3</sup> (1895-1975). Entretanto, este artigo deseja continuar a investigação sobre O Precipício, buscando compreender os elementos simbólico-religiosos constantes nessa obra literária de expressão amazônica. Além disso, é válido destacar que o presente estudo é uma proposta dialógica entre literatura e religião, haja vista que ambas se confundem, “nos puxam para o insondável”, para o transcendente; procuram reproduzir valores, recriar e conferir significados ao mundo, com vistas a passagem do velho ao novo (MAGALHÃES, 2009, p. 217).

O conto em questão é uma narrativa memorial do personagem Miguel dos Santos Prazeres, que é o protagonista da maioria das obras de Benedicto Monteiro. Trata-se, pois, da história e experiência de dois vaqueiros que, corriqueiramente, se ocupam em ordenhar o gado. Mas, num certo dia, rompe-se a banalidade cotidiana quando, numa vaquejada, o Pai de Miguel cai do cavalo e é arrastado no campo pelo animal, que o esquarteja e o leva à morte. Nesse momento se instala um clima tenso e Miguel começa a elaborar um plano de vingança contra o assassino, ao mesmo tempo em que recobra as lembranças e memórias do pai morto. A narrativa chega ao clímax no instante em que Miguel conduz o cavalo Precipício para um campo incendiado, para que o animal morresse queimado e pagasse pela morte do velho vaqueiro.

Mais adiante, encontram-se análises hermenêuticas sobre os sujeitos-personagens do conto relatado acima: o Pai de Miguel, o jovem Miguel e o cavalo Precipício. Notar-se-á, também, o valor simbólico-religioso da figura paterna, do cavalo Precipício, das águas paradas (o molhado) e, por fim, observar-se-á a analogia da batalha Miguel versus Precipício com o episódio apocalíptico do Juízo Final (Jesus versus Satanás), presente no Novo Testamento. A interpretação desses elementos mostrará de que forma os valores da cristandade estão interligados com outros valores sociais e com valores de outras religiões, permitindo, assim, uma interdiscursividade da teologia com outras culturas e saberes (MAGALHÃES, 2009, p. 220).

## 1. A sacralização da figura paterna

*Apocalypse (New Testament). The observations of this study do not only contribute to the studies of literature and religion, but also allow an interdiscursivity among other fields of study of the human sciences (Letters, Sociology, Anthropology, History, Religious Studies etc.)*

KEYWORDS: Hermeneutics; Religion; Benedicto Monteiro.

1 - Licenciado pleno em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (UEPA) e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da referida IES. Email: marcelpa@hotmail.com.

2 - Disponível em: <http://static.recan-todasletras.com.br/arquivos/2699389.pdf>.

3 - Cf. *Estética da criação verbal* (BAKHTIN, 2006).

4 - A palavra hierofaniza é derivada do termo hierofania, cunhado por Mircea Eliade em seu livro *Tratado de História das Religiões*, se refere a uma consciência fundamentada da existência do sagrado, quando se manifesta através dos objetos habituais de nosso cosmos como algo completamente oposto do mundo profano (ELIADE, 2000).

5 - Na obra *O Sagrado*, Rudolf Otto analisa a experiência religiosa, revelando um aspecto do poder divino, “desse *mysterium tremendum*, dessa majestas que exala uma superioridade esmagadora de poder; encontra o temor religioso diante do *mysterium fascinans*, em que se expande a perfeita plenitude do ser” (OTTO, 1985).



*Ilustração 01: Pai de Miguel dos Santos Prazeres (Arte: Juares Odilon)*

O Precipício se desenvolve a partir do relato memorial de Miguel dos Santos Prazeres, personagem-narrador que, no período da infância à adolescência, compartilhou das ideias e das experiências cotidianas do seu Pai, que é uma figura notadamente importante para a formação e amadurecimento do jovem vaqueiro. Entretanto, o que carece ser observada nessa relação familiar entre pai e filho é a dimensão transcendental que Miguel atribui ao seu genitor, a qual será entendida como uma experiência religiosa do filho com o pai.

O comportamento de Miguel diante do seu Pai está muito longe de ser definido como um diálogo aberto informal, no qual se possam efetuar trocas de ideias, expor mutuamente pensamentos e opiniões. O que existe entre Miguel e seu Pai é um trato quase sem palavras, uma política do silenciamento (ORLANDI, 2007) e, principalmente, uma relação de extrema obediência do filho para com o pai.

Miguel se revela, então, como um fiel cumpridor do primeiro mandamento bíblico do Antigo Testamento — “Honra teu pai (...), a fim de que tenhas vida longa na terra que o Senhor, o teu Deus, te dá” (ÊXODO 20:12) — seguindo, religiosamente, as ordens e os preceitos estabelecidos pelo seu Pai. Na verdade, o que se verifica na mentalidade do personagem Miguel é uma deificação da figura paterna, ou seja, “um mito metafórico (...) do pai glorificado, de um deus, de um ser sagrado, que rege a vida do personagem-narra-

dor” (SILVA, 2010, p. 35).

A vivência de Miguel com seu Pai, certamente, pode ser interpretada como uma experiência como o sagrado, ou melhor, uma experiência religiosa de Miguel com o seu Pai: uma ação que “relaciona a realidade humana com o transcendente” (CROATTO, 2010, p. 41). Miguel hierofaniza<sup>4</sup> a figura paterna e seu Pai pode ser entendido como manifestação do sagrado, do mesmo modo que Riobaldo, do romance *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, hierofaniza as personagens com as quais se relaciona:

*Para Riobaldo, representante do homem hierofânico, o espaço em que transita e habita, o tempo que revisita, o contato com a natureza, em estado de epifania, que o cerca e transforma, bem como os outros personagens com quem interage, revelam-se como manifestações do sagrado (GUIMARÃES, 2011; grifos meus).*

Revestido de sacralidade, o Pai de Miguel “gera efeitos aparentemente opostos de atração e temor” (CROATTO, 2010, p. 70). Assim, o Pai, personagem misterioso, vem a ser enquadrado nos dois aspectos da apreensão do sagrado, propostos por Rudolf Otto (1985)<sup>5</sup>: *mysterium fascinans* e *tremendum*. Miguel observava o seu Pai, olhava “a figura esticada na sela, (...) o silêncio dele” (MONTEIRO, 1980, p. 51), o jovem sente-se atraído por este ser misterioso que, “como *mysterium fascinans*, produz atração, e sua fruição é beatífica” (CROATTO, 2010, p. 70).

Mas Miguel sabia bem dos limites da sua relação como o Pai, que vaquejava sempre na frente: “Ele na frente e eu atrás” (MONTEIRO, 1980, p. 51). Essa postura do Pai remete ao *mysterium tremendum*, ao “temor reverencial que obriga manter a distância” (CROATTO, 2010, p. 70) e Miguel jamais se atrevia a romper essa enorme majestade (MONTEIRO, 1980, p. 51).

Ainda sobre o aspecto do *mysterium tremendum* do genitor, não se pode olvidar o discurso do silêncio, pois o Pai de Miguel “era quase inimigo do falar” (MONTE-

RIRO, 1980, p. 51). O silêncio, esse tabu vindo dos costumes, da crença, da tradição antiga e hereditária, corrobora ainda mais para a sacralização da figura paterna, tendo em vista que o silêncio está associado ao Totalmente Outro, ao Ser Supremo.

Além disso, cabe reiterar que na tessitura do conto O Precipício observam-se duas formas específicas de silêncio, tendo como referente o Pai de Miguel: o silêncio de Deus e o silêncio diante de Deus (KOVADLOFT, 2003 apud HER NANDEZ, 2004, p. 141). Desse modo, o reconhecimento do silêncio do pai de Miguel, desse discurso religioso, é o reconhecimento do “lugar da onipotência divina” (ORLANDI, 2007, p. 30), no qual se verifica a realização do transcendente.

## 2. O cavalo demoníaco



Ilustração 02: Pai de Miguel sendo arrastado pelo Cavalo Precipício (Arte: Juez Odilon)

Em oposição à figura paterna do conto monteiriano, observa-se o comportamento do cavalo Precipício que desempenha o papel de antagonista da obra e é o representativo da força maléfica que age contra

o Pai sacralizado. O Precipício é o cavalo usado para a ordenha do gado e escolhido pelo Pai para que este pudesse encilhar o animal que era por demais rebelde. Além disso, é importante notar que Precipício é descrito pelo narrador de forma negativa, como um cavalo preto, um garanhão irrefreável, desobediente, endiabrado e assassino.

Outro aspecto que aumenta as características malignas do animal pode ser observado a partir da interpretação do nome que lhe foi dado: Precipício. Do termo precipício advém a ideia de profundidade, abismo, despenhadeiro, e, figurativamente, representa a ruína, a perda, a desgraça; fora isso, pode-se interpretar o precipício, na visão escatológica, como o lugar em que Satanás é lançado e aprisionado por mil anos (APOCALIPSE 20:1-3).

No estudo sistemático dos demônios, a Demonologia, o demônio Cimeries é apresentado como um guerreiro que monta um cavalo preto e rege o continente africano.

*Cimeries, who rides a black horse and rules all the spirits of Africa, probably takes his name from the Cimmerians, a people mentioned by Homer who lived in mists and darkness in the farthest West (CAVENDISH, 1983, p. 251).*

Nesse fragmento, o “black horse” é usado a serviço de Cimeries, logo o animal obedece ao seu dono. Numa relação de sentido, Precipício poderia ser comparado ao cavalo de Cimeries e, se assim fosse, seria incoerente que o Precipício viesse a servir o Pai de Miguel, que é compreendido pelo filho como um Ser Sagrado, benéfico.

O jovem vaqueiro se detém olhando a impetuosidade do cavalo que corre pelo pasto, arrastando e esquartejando o corpo do Pai pelo chão e, nesse momento lancinante, Miguel viu e registrou o voo do animal no “campo varja”. O escritor registra: “o desgraçado saltava relinchando e jogando as patas dianteiras querendo até trepar no ar. (...) Precipício voava” (MONTEIRO, 1980, p. 54-56). Como dito anteriormente, destacam-se as caracterizações demoníacas de Precipício, compreendendo-se que

o cavalo é diabólico e tem a capacidade de voar, da mesma forma que a têm certos demônios voadores, como, por exemplo, o demônio Pazuzu<sup>6</sup>, o rei dos ventos, filho do deus Hanbi, na mitologia suméria.

“Precipício voava” parecendo-se, assim, com o Cavalum, uma figura mítica do imaginário português, proveniente da cidade de Machico, na Ilha da Madeira. De acordo com a lenda, o Cavalum tinha a forma de cavalo, asas de morcego e soltava fogo pelas narinas. Afirmavam que este ser mitológico era um diabo em forma de cavalo (FRAZÃO, 2004, p. 266-268). É interessante ver no cavalo Precipício uma reatualização de tantos mitos, como o do Cavalum, permitindo ao leitor uma análise mais ampla sobre os personagens-animais que desempenham um papel demoníaco em determinado conjunto literário.

## 3. A crença no molhado

No desenrolar da narrativa, Miguel, personagem-narrador, quebra a linearidade do enredo e retoma a mentalidade do seu Pai para contar sobre a crença e a visão negativista do velho em relação à água parada, ao molhado: “Meu pai passou a vida toda reclamando só contra o molhado. Não era contra a água, a chuva, a correnteza, o lago, o rio e o longe mar. Não senhor, era apenas contra o molhado” (MONTEIRO, 1980, p. 56). Na concepção do pai, o molhado era associado às “coisas tristes da vida”, à má sorte, à morte. Importa dizer que Miguel assimila essa doutrina paterna sobre a água que mata e acrescenta ao molhado o sentido de inferno.

É óbvio que a crença no molhado é uma crença popular que se refere à saúde, pois, segundo o Pai de Miguel, o molhado causava reumatismo, impaludismo (malária), além de outras doenças que podem ser subentendidas na narrativa de Miguel. A crença de que é preciso evitar o molhado faz parte de um conjunto de credences nativas que pulula no universo mental do caboclo amazônico e que o molhado, assim como o fogo, pode ser compreendido como um elemento material associado a um tipo de devaneio que governa as crenças e a filosofia de toda uma vida (BACHELARD, 1997, p. 5). Para Gáston Bachelard, “as águas imóveis evocam os

6 - O demônio Pazuzu tornou-se mundialmente conhecido a partir do filme americano O Exorcista, lançado em 1973, dirigido por William Friedkin e roteirizado por William Peter Blatty, baseado em livro homônimo de sua autoria. O filme trata sobre a possessão demoníaca de uma criança de 12 anos pelo demônio Pazuzu. O livro de Blatty foi inspirado num exorcismo de um garoto de 14 anos, documentado em 1949 (BLATTY, 1972).

mortos porque as águas mortas são águas dormentes” (BACHELARD, p. 67), o que demonstra, então, mais um motivo para aversão às águas paradas no imaginário de Miguel e de seu Pai.

A água parada remonta aos antecedentes judaicos sobre o batismo, pois, no Antigo Testamento, mais precisamente, no livro dos Números (19: 17-22), encontra-se a assertiva de que, na cultura judaica, água parada não podia ser hierofanizada (manifestar o sagrado) e “o judeu não entrava em água parada, porque água parada era sinal de impureza e morte” (PARANDELA, 2007). Então, desde os tempos mais primórdios e muito antes do advento das ciências, a água parada, o molhado (no dizer do caboclo Miguel) sempre foi causador de problemas à saúde do homem e significado maléfico no ritual de certas religiões, como o judaísmo.

Na obra *A História, o Drama e Graça da Água* (1929), do escritor, político, historiador e jornalista português Alberto Souto (1888-1961), é feita uma abordagem crítica e histórica sobre a água, evidenciando uma relação discursiva de Souto com o pensamento do Pai de Miguel, uma vez que ambos têm em comum a noção de que a água parada, o molhado, remete sempre ao sentimento de tristeza, às “coisas tristes da vida”.

*A Água parada, a Água morta, a Água encarcerada, causa-me sempre tristeza e compaixão, ou mágoa ou dor.*

(...)

*A Água dos canais precisa de movimento, maré ou corrente, agitação da brisa ou impulso do remo, ondulação, barcos, velas para expulsar a tristeza que nos causa sempre ver essa Água, silenciosa,*

7 - Segundo Giaccaria (1972, p. 96-107 apud GOMIDE; KAWAKUBO, 2006, p. 33), “Os Xavante distinguem a ‘água viva’, ou seja, a água corrente da água ‘morta’ ou água parada. A ‘água viva’ dos grandes rios, assim como a ‘água morta’ dos grandes lagos, é povoada por espíritos. Nos rios habitam os espíritos bons, os *otedewa*, e nos lagos os maus, denominados *uutedewa*”.

*inerte, turva e melancólica, ao contrário da Água que flui e canta ou sussurra ou rugir, seja mar revolto, rio caudaloso, torrente ou regato, jogo de água ou fonte obscura (SOUTO, 1930).*

Assim, fica claro que existe na mentalidade dos personagens do conto *O Precipício* (com exceção do cavalo *Precipício*, o qual é personificado na obra), a constituição de um saber empírico sobre as águas, principalmente sobre o molhado, sobre as águas estanques, onde habitam os espíritos maus, denominados “*uutedewa*”, segundo os povos indígenas da tribo Xavante, do Estado do Mato Grosso<sup>7</sup>.

#### 4. A batalha apocalíptica entre Miguel e Precipício

*Ninguém pode manter-se alheio ao combate entre o poder divino e o poder demoníaco [...]. O homem que [...] mata um animal perigoso, cumpre um dever religioso; prepara e assegura a vitória final do poder do bem, do “senhor sábio”, sobre o seu demoníaco adversário (CASSIRER, 1972, p. 163).*

O conto *O Precipício* atinge seu ápice no momento em que Miguel deseja vingar-se pela morte do Pai e sai em busca do assassino, o cavalo *Precipício*, para aplicar-lhe uma lição. É exatamente nesse curso dos fatos que se percebe uma aproximação da saga de Miguel com batalha entre anjos e demônios no livro do Apocalipse (Novo Testamento), até o ambiente, no final da narrativa, parece revestido de uma aura pesada, mostrando que algo trágico estaria por vir, conforme se observa no seguinte excerto do conto:

*Alguém tinha ateado fogo na restinga do Catauari. Na certa algum vaqueiro descuidado ou algum procurador de ovos de tracajá. Incendiavam o campo pra achar ovos, pra pegar bandos de marrecas e as vezes só mesmo por malvadeza de incendiar. Com uma ponta de cigarro num capim seco e numa noite quente, o fogo se alastra. As labaredas nasciam do barro por puro encanto. Pensei até que*

*estavam queimando a terra pra sepultura do meu pai. Mas quem ia queimar a terra, que ia queimar a terra? Não se podia saber naquela hora porque o Precipício não parava. Meus braços e pés também não paravam. As esporas na barriga já sangravam e o Precipício voava. Eu lambava o Precipício e as labaredas aumentavam. Com-pouco estávamos num cerco de fogo que vinha não sei de que lugar. O campo clareava. O campo clareava mais e mais. Corre, cavalo filho da puta. Não tinha jogado na terra o corpo do meu pai? Queimar a cara até as crinas, será que bastava? Precisava entrar no inferno com as quatro patas incendiadas [...] (MONTEIRO, 1980, p. 60); grifos meus).*

Depois da trágica morte do Pai, Miguel diz que “propositadamente o sol tinha se escondido” (MONTEIRO, 1980, p. 54), o que faz lembrar o momento apocalíptico da abertura do sexto selo, no qual ocorre um grande tremor na Terra, o sol fica negro como um saco de cilício e a lua é manchada de sangue, porque é chegada o grande dia da ira do Cordeiro de Deus contra o inimigo do Reino dos Céus (APOCALIPSE, 6:12-17).

Em termos comparativos, nota-se que Miguel representa a figura do juiz Jesus Cristo que se levanta contra Lúcifer, representado pelo cavalo *Precipício*, contra aquele que foi lançado no abismo por mil anos e que agora está solto pelos campos, mas que logo receberá o castigo eterno e será lançado num lago de fogo e enxofre (APOCALIPSE, 20:1-15).

E assim, em analogia ao fim de Satanás no livro do Apocalipse, Miguel persegue o cavalo endiabrado e o conduz até a restinga do Catauari, a qual havia sido misteriosamente incendiada por alguém, e ali, no meio do campo em brasa, ele trucidava e mata o *Precipício*, para “fazer aquele puto daquele cavalo assassino pedir perdão de joelho” pela morte do Pai (MONTEIRO, 1980, p. 60). Poder-se-ia, dizer, então, que o desfecho da história é semelhante à vi-

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Edição Ecumênica. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980.

BLATTY, William Peter. *O Exorcista*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1972.

CASSIRER, Ernest. *Antropologia filosófica: ensaio sobre o homem - introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Mestre Jou, 1972.

CAVENDISH, Richard. *The black arts: a concise history of witchcraft, demonology, astrology, alchemy and other mystical practices throughout the ages*. New York: Perigee Books, 1983.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

ELIADE, Mircea. *Tratado de Historia de las Religiones*. Madri: Cristiandad, 2000.

FRAZÃO, Fernanda (org.). *Lendas portuguesas da terra e do mar*. Lisboa: Apenas Livros, 2004.

GIACCARIA, Bartolomeu. *Significado da água na cultura Xavante*. *Revista de Antropologia*. V. 21. Part. I. São Paulo: USP, 1978. p. 95-107.

GOMIDE, Maria Lúcia Cereda; KAWAKUBO, Fernando Shinji. *Povos indígenas do cerrado, territórios ameaçados: terras Indígenas Xavante de Sangradouro/Volta Grande e São Marcos*. *Revista Agrária*. N. 3. São Paulo: USP, 2006. p. 16-46. Disponível em: [http://www.geografia.fflch.usp.br/revista-agraria/revistas/3/2\\_gomide\\_e\\_kawakubo.pdf](http://www.geografia.fflch.usp.br/revista-agraria/revistas/3/2_gomide_e_kawakubo.pdf). Aces-so em: 7 mai 2011.

GUIMARÃES, Mayara Ribeiro. *Hierofania e cosmogonia em Grande Sertão: Veredas*. *Revista Litteris*, Mar/2011, n. 7. Disponível em: [http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/Hierofania\\_e\\_cosmogonia\\_em\\_Grande\\_Sertao;\\_Guimaraes\\_Rosa.pdf](http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/Hierofania_e_cosmogonia_em_Grande_Sertao;_Guimaraes_Rosa.pdf). Acesso em: 4 de mai 2011.

HERNANDEZ, Juliana. *O duplo estato do silêncio*. *Revista de Psicologia - USP*. Jan/Jun. 2004, v. 5. n. 1-2, p. 129-147. Disponível em: <http://www>.

tória do Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, que coloca o bem acima de toda iniquidade.

### Algumas Considerações

Sem dúvida, a estrutura narratológica do conto O Precipício apresenta um cunho religioso manifestado pelos sujeitos-personagens, pelos elementos espaciais (como o molhado). E sobre esses elementos espaciais da obra, ou melhor, sobre esses símbolos polisêmicos ressalta-se a linguagem poético-religiosa, reveladora da experiência do homem com o transcendente.

Observe-se, por exemplo, a função do fogo no conto, que não serve apenas como um elemento que ajuda Miguel a consumir sua vingança contra o Precipício, mas pode ser entendido como símbolo da destruição, da purificação, do sacrifício, partindo do pressuposto de que se trata de “fenômenos que têm seu correlato na experiência religiosa, seja em relação com mal (destruição), seja com a mácula (purificação), com a vítima ritual pelo pecado (sacrifício)” (CROATTO, 2010, p. 102-103).

Além disso, nota-se no conjunto da obra a tríade dos símbolos representativos do mal, como o fogo, o molhado (a água parada) e as trevas. Esses símbolos estão imbricados entre si numa relação semântica, com características semelhantes: o fogo é a simbologia do “inferno” (cristianismo, islamismo); o molhado apresenta o caráter destrutivo, relacionado à morte, à tristeza, à impureza (judaísmo), à morada dos espíritos maus (cultura indígena); e as trevas, que aparecem como plano de fundo após a morte do Pai de Miguel, significam a ausência de luz, a presença do mal, o submundo de Hades (mitologia grega), a ambientação para a manifestação das forças malignas.

Ainda sobre as representações simbólico-religiosas da narrativa de Benedicto Monteiro, importa mencionar a presença um símbolo de devoção religiosa da família de Miguel, o quadro de São Sebastião: “A lamparina da cozinha estava acesa. E tinha uma vela alumando o corpo e o quadro de São Sebastião” (MONTEIRO, 1980, p. 59). Numa tentativa hermenêutica de buscar compreender o porquê dessa devoção a esse santo católico, primeiramente notou-se que “o personagem Miguel é uma figura representativa daqueles que nasceram na região de Alenquer/PA (MEGALE, 2008 apud SILVA, 2010, p. 20). Em seguida, atestou-se que São Sebastião é, depois de Santo Antônio (padroeiro do município de Alenquer/PA), o santo de maior devoção do povo alenquerense, sendo o padroeiro do bairro do Aningal. Anualmente, na segunda maior festa católica do povo ximango, o Círio de São Sebastião é grandiosamente celebrado.

Assim, não é sem propósito que o quadro de São Sebastião está presente no conto, ficando confirmada não só a devoção desse santo pela família, mas também a devoção do povo da cidade de Alenquer/PA, a qual é representada pelo personagem-narrador de O Precipício.

Assim como na religião, o transcendente é suscetível de se manifestar na literatura, e se a narrativa for compreendida sob a ótica dessas áreas do conhecimento humano, torna-se possível o diálogo com outras áreas das Ciências (como a História, a Antropologia, a Sociologia, etc.). Essa abordagem interdisciplinar possibilita um estudo mais profundo sobre o texto literário, sobre as experiências humanas e sobre a mentalidade do homo religiosus, uma vez que a “fé (...) sabe que sua história é sempre encarada como revelação por meio das memórias preservadas em narrativas” (CROATTO, 2010, p. 211), como a de Benedicto Monteiro, que contém lições, memórias e experiências de natureza fantástico-religiosa, as quais poderão ser transmitidas às gerações futuras, com vistas a uma melhor compreensão da nossa existência no mundo.

[scielo.br/pdf/pusp/v15n1-2/a16v1512.pdf](http://scielo.br/pdf/pusp/v15n1-2/a16v1512.pdf). Acesso em: 4 maio 2011.

MAGALHÃES, Antonio. *Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

MONTEIRO, Benedicto. *O carro dos milagres*. 5. ed. Rio de Janeiro: PLG-Comunicação, 1980. Disponível em: <http://interfasesculturais.blogspot.com/2008/10/o-precipicio-conto-amaznico-de-benedicto.html>. Acesso em 01 ago 2011.

MONTEIRO, Fábio. *Círio de São Sebastião* 2011. Portal Alenquer Pará. Entretenimento. Notícia. 11/01/2011. Disponível em: <http://www.alenquer-para.com.br/?pg=noticia&id=440>. Acesso em: 8 mai 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas de silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas/SP: Unicamp, 2007.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado: um estudo do elemento não-racional na ideia do divino e a sua relação com o racional*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.

PARANDELA, Clóvis de Oliveira. *O batismo cristão*. Portal da Igreja Metodista de Vila Isabel. Artigos. Colunas. Rio de Janeiro. 10/3/2007. Disponível em: <http://www.metodistavilaisabel.org.br/artigosepublicacoes/descricao-colunas.asp?Numero=31>. Acesso em: 7 mai 2011.

SILVA, Marcel Franco da. *O Precipício: um tecido de muitas vozes*. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Plena em Letras - Língua Portuguesa) - Universidade do Estado do Pará, Belém, 2010. Disponível em: <http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/2699389.pdf>. Acesso em: 4 mai 2011.

SOUTO, Alberto. *A história, o drama e a graça da água*. Conferência. Aveiro: Pereira & Guimarães, 1930. Disponível em: <http://www.prof2000.pt/users/avcult/aveidistr/boletim03/page73.htm>. Acesso em: 7 mai 2011. [excertos da conferência].